

O DISCURSO SOBRE A DEPRESSÃO NA PÓS-MODERNIDADE*

Felipe Barbosa da Silva

Graduado em Psicologia pela UNIABEU Centro Universtário

RESUMO: A partir de uma revisão bibliográfica, abordamos algumas práticas discursivas sobre a depressão enquanto um sintoma social da pós-modernidade. Consideramos que as discussões sobre essa patologia estão inseridas na lógica do capitalismo neoliberal que preconiza a avaliação constante dos sujeitos pela sua capacidade produtiva. Nossos resultados apontam que a lógica diagnóstica vigente segrega o deprimido, e faz com que este ingresse em um outro mercado consumidor, a saber, o de medicamentos, que teriam como objetivo aplacar o mal estar experimentado pelo sujeito. Por sua vez, o modo de funcionamento de si enquanto empresa, característica da sociedade atual, impõe aos sujeitos normativas de gozo que acabam por inflacionar os diagnósticos de depressão. Concluímos que a articulação entre a indústria farmacêutica e a lógica diagnóstica vigente faz com que os afetos dos sujeitos passem por um amplo processo de medicalização, tendo como objetivo reinseri-los na sociedade do consumo.

Palavras-chave: Depressão; Desejo; Discurso capitalista; Pós-modernidade.

Introdução

No presente artigo, pretendemos abordar algumas práticas discursivas em torno da depressão na pós-modernidade. Para isso, recorremos a autores que falam sobre essa psicopatologia dentro de duas grandes tradições de pensamento: a psiquiatria e a psicanálise. Nosso objetivo não é fazer uma oposição meramente reducionista de nenhuma das abordagens que serão aqui apresentadas. Pelo contrário, pretendemos demonstrar como estas abordagens circunscrevem a depressão em torno de uma narrativa diagnóstica diferenciada que demonstra uma visão de mundo em torno do tema, a primeira fundada em pressupostos biológicos e a segunda em um desamparo fundamental do sujeito.

Tomaremos a depressão enquanto um sintoma social da pós-modernidade, sendo tributária de uma inserção cada vez maior do discurso psiquiátrico no dia a dia dos sujeitos pós-modernos, fazendo com que os mesmos adaptem-se a esse discurso, e como defende Dunker (2015) tomem o diagnóstico considerado como natural e por vezes desejado. A isso soma-se a inflação da oferta de medicamentos antidepressivos no mercado e uma inflação das pesquisas, fundamentadas sobretudo nos saberes neurocientíficos, conforme demonstra Birman (2016).

Gostaríamos de destacar que a nossa tarefa é olhar com certa estranheza para todos esses eventos, e, sobretudo, questionar como a depressão tornou-se uma forma de expressão privilegiada do mal-estar da pós-modernidade. Para isso, propomos

* Artigo baseado na monografia "É proibido sofrer? Reflexões sobre o aumento dos diagnósticos de depressão na pós-modernidade" apresentada como trabalho de conclusão de curso de Bacharel em Psicologia pela UNIABEU Centro Universitário, em 2017. A pesquisa foi orientada pelo Prof. Dr. Acyr C. L. Maya, docente da instituição.

algumas questões: a que se deve tal aumento? Existiriam, conforme demonstra Kehl (2009) condições sociais para a transmissão da depressão? Tais condições não seriam tributárias de um discurso psiquiátrico cada vez mais presente no cotidiano dos indivíduos? Qual o lugar da psicanálise frente a tais discursos? São essas indagações que pretendemos responder, expondo as pistas fornecidas pelos autores inseridos no campo da psicanálise.

Racionalidade diagnóstica e psicopatologia pós-moderna

Para que possamos considerar a depressão como um sintoma social, temos de levar em consideração que as discussões sobre essa patologia estão inseridas em um campo que preconiza a avaliação constante dos sujeitos pela sua capacidade produtiva. A depressão enquanto sintoma social é subordinada a racionalidade diagnóstica vigente na pós-modernidade, que delega ao sujeito imposições normativas de gozo e de felicidade (KEHL, 2009). Nesse sentido, o mercado de consumo de medicamentos é marcado por um mercado anterior: o mercado de consumo de diagnósticos. Procuraremos mostrar como se dá esta relação estabelecida e mediada, sobretudo pela indústria farmacêutica.

Iniciamos nossa exposição com os argumentos levantados por Birman (2016) que investiga o lugar ocupado pela psicopatologia e conseqüentemente pela psiquiatria na pós-modernidade. O autor mapeia as mudanças ocorridas na forma da psicopatologia atual conceber as enfermidades psicológicas. De acordo com ele, atualmente temos o estudo de três grandes síndromes que estão interrelacionadas entre si, são elas: a depressão, a síndrome do pânico e as toxicomanias.

Disso decorre uma virada na forma pela qual a psiquiatria concebe o sofrimento dos sujeitos que são diagnosticados por ela. Esse interesse demonstra uma dimensão histórica presente nas discussões tanto da psiquiatria quanto da psicopatologia, ou seja, em determinadas épocas, determinadas patologias tomam a frente de outras, constituindo-se, um campo de interesse mais específico dentro das discussões destes campos do saber (BIRMAN, 2016). Entretanto, para o autor, isso não significa que a depressão junto com a síndrome do pânico e as toxicomanias, tenha sofrido um grande aumento, no sentido epidemiológico:

Antes de mais nada, **não se pode dizer que o interesse da psicopatologia por aquelas perturbações mentais seja uma decorrência direta de seu aumento no sentido estreitamente epidemiológico.** Não existe um aumento daquelas perturbações de uma maneira homogênea. Pode-se afirmar seguramente que existe um crescimento significativo das toxicomanias nas últimas décadas no Ocidente. Além disso, se constituíram novas modalidades de toxicomanias anteriormente inexistentes. Isso é perfeitamente constatável pelas pesquisas epidemiológicas e pela experiência clínica. Em contrapartida, o mesmo não acontece com as depressões ou com a síndrome do pânico. **Existe, pois, uma**

evidente assimetria, do estrito ponto de vista epidemiológico, entre as toxicomanias e as depressões e a síndrome do pânico, na medida em que as primeiras aumentam de forma significativa, mas o mesmo não se pode dizer das demais (BIRMAN, 2016, p. 191, grifo nosso).

Um fator que parece-nos ser extremamente decisivo para o aumento dos diagnósticos de depressão, sobretudo na pós-modernidade, é o fato da psiquiatria ocupar um lugar de destaque socialmente estabelecido. Cercado pelas grandes exigências de produtividade que a todo o momento são colocadas para si, o sujeito pós-moderno parece recorrer aos medicamentos como uma forma de dar conta do mal-estar que é subjacente a tais exigências. Pelo fato de ser diariamente medido pela sua capacidade de produção e consumo, e conseqüente ostentação de felicidade, os sujeitos ditos deprimidos passam a ser rechaçados na cena social pós-moderna. A lógica diagnóstica pós-moderna procura sempre **gerir o sofrimento dos sujeitos**, medicando-os para que os mesmos possam rapidamente reingressar no mercado de bens e consumo (DUNKER, 2015).

Retomando as análises de Birman (2016), percebemos uma virada no modo de produção diagnóstica na pós-modernidade. Para ele atualmente vivenciamos uma nova fase da psiquiatria onde privilegia-se o agrupamento dos sintomas do sujeito em grandes síndromes, dispensando-se as concepções etiológicas que tinham grande relevância em momentos anteriores. Com isso, o foco da terapêutica não está mais centrado na eliminação do mal-estar do sujeito, mas sim encontra-se na gestão desse mal-estar:

Revela-se, então, uma estratégica mudança da medicina frente ao mal-estar corpóreo em sua diversidade. Não se pretende mais a **cura**, no sentido clássico da medicina clínica, mas apenas a **regulação** do mal-estar. Por isso mesmo, o medicamento se transforma no vetor da nova construção nosográfica, pois aquele seria o eixo da regulação corpórea. Assim, a leitura do mal-estar corporal assume uma direção totalmente **funcional** e não mais etiológica. Além disso, as dimensões da **história** do **enfermo** e do **tempo da doença** se transformam em questões secundárias diante do investimento realizado no disfuncionamento corpóreo e espacial da enfermidade. Enfim, o novo discurso da medicina é centrado nos **acontecimentos** corporais marcados pela sua **pontualidade** temporal (BIRMAN, 2016, p. 197-198, grifos do autor).

Nesse novo contexto o medicamento que é prescrito após o preenchimento de uma série de critérios diagnósticos, é visto como uma nova forma de gerir o mal-estar dos sujeitos na pós-modernidade. Toda essa nova concepção de produção e gestão do sofrimento passa pela busca incessante de inserção, no que Birman (2016)

chama de *cena social narcisista*¹. Nesta os sujeitos são convidados a todo o momento a apresentarem-se como capazes de produzir outras formas de ser e estar no mundo, marcadamente voltadas pela nova lógica do capitalismo neoliberal, que preconiza que os sujeitos devem estar cada vez mais aptos a ingressarem no mercado de consumo, ainda que seja o mero consumo de medicamentos.

Com isso ele aponta o fato das subjetividades pós-modernas serem completamente voltadas para seu exterior. Isso ocorre pois atualmente vivemos em um modelo social que privilegia a exterioridade em detrimento da interioridade (BIRMAN, 2016). Isso significa dizer que o sujeito é frequentemente convocado a adaptar-se a uma volatilidade cada vez maior das configurações sociais, que apresentam outras exigências, e eles devem responder de forma rápida e da melhor maneira. Nesse contexto “a oposição dentro de si e fora de si perde o poder simbólico de delinear os territórios e os limites entre o sujeito e o outro” (BIRMAN, 2016, p. 203).

Tudo isso, no entender do autor, faz com que haja um apagamento das noções de história e temporalidade, uma vez que estas passam a ser permeadas pelo instante do contato do sujeito com o objeto de consumo que lhe é ofertado. Isso também provoca uma mudança nas concepções da psicopatologia vigente, pois as noções de temporalidade e história do sujeito passam a ter sua importância minorada frente ao agrupamento dos sintomas em síndromes (BIRMAN, 2016). Nesse sentido, ele afirma que “enfim a noção de memória se evapora progressivamente, em um mundo subjetivo especializado, em que a historicidade e a temporalidade não importam mais” (BIRMAN, 2016, p. 203).

Segundo Dunker (2015), os diagnósticos tem ocupado um lugar de destaque na pós-modernidade sendo uma maneira do sujeito nomear seu mal-estar, dando sentido a sua produção sintomática sendo enquadrado em um conjunto de signos terapêuticos pré-determinados pelos manuais de psiquiatria atualmente vigentes. Nesse sentido, diagnosticar tornou-se função mais ou menos desejada na pós-modernidade. O diagnóstico possibilita que o sujeito tenha uma espécie de destino para o seu mal-estar, pois ao entrar na lógica diagnóstica, ele também é introduzido em uma terapêutica que possibilita a criação de uma narrativa sobre seu sofrimento. Com isso, temos certa rigidez diagnóstica, pois todas as vezes que o sujeito apresenta alguma dificuldade de inserir-se na lógica do consumo vigente na pós-modernidade, são criados discursos que visam enquadrá-lo novamente no mercado, fazendo com que ele rapidamente volte ao estado de “normalidade”, ou melhor, de produtividade (DUNKER, 2015):

¹ Baseado nas reflexões que são trazidas por Debord e Lasch, Birman (2016) afirma que na pós-modernidade vigora uma nova circulação de valores, que afetam diretamente a maneira pela qual as psicopatologias se manifestam. Centrados pelos ideais de consumo e pelo individualismo vigente, temos uma nova configuração que implica medir o indivíduo pela capacidade que ele tem de se apresentar socialmente, colocando-se como centro de todas as ações. É a essa outra forma de configuração social que o autor chama de *cena social narcisista*, uma vez que no seu entender os ideais de coletividade não ocupam mais o lugar de destaque. Tudo isso tem implicações diretas na forma pela qual os sujeitos relacionam-se socialmente. Para Birman, “nessa medida, o sujeito é regulado pela performatividade mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro. Este é apenas um objeto predatório para o gozo daquele e para o enaltecimento do eu” (BIRMAN, 2016, p. 201).

Nossos diagnósticos tipo DSM são aqueles que interessam à razão securitária, à economia social do risco, aqueles que implicam a função do Estado, aqueles que segregam as crianças que não aprendem. Tais diagnósticos estão ficando cada vez mais sólidos. E é uma solidez que não se desmancha no ar, que produz um tipo de convicção, de práticas de consumo, de autorização de modulação química de experiências subjetivas jamais vista. Não só psiquiatras e gestores de saúde, mas toda sorte de pessoas e formas de vida está sujeita a essa abrupta inversão foraclusiva. Tudo bem, tudo líquido até que você toque nas questões normativas da interpretação da modernidade. tudo bem, tudo líquido, tudo desconstrutivo, tudo nietzchiano até que você toque em questões administrativas da escola. Então, o que aparece é a violência sólida dos diagnósticos concentracionários. Chamo diagnósticos concentracionários essa forma de diagnósticos que esqueceu sua própria história, que se constrange a seguir normas de uma redução administrativa da experiência do mal-estar ao sofrimento e do sofrimento ao sintoma (DUNKER, 2015, p. 189).

Trata-se de uma estratégia de nomeação do sofrimento dos sujeitos a partir de uma dada concepção psiquiátrica, que reforçada pelo estilo de produção capitalista, captura o sujeito e o insere em uma relação de causa e efeito que desconsidera todo o seu relacionamento com o social, e as possíveis implicações deste em seu psiquismo. Gostaríamos de ressaltar que não se trata aqui de propor uma sociologia do sofrimento, mas sim de lançar algumas reflexões sobre a invasão do mercado farmacêutico no imaginário social em torno do sofrimento psíquico. Nesta perspectiva, a lógica diagnóstica vigente na pós-modernidade segrega o deprimido, colocando-o como uma espécie de grupo que necessita ser curado. Ressaltamos que na perspectiva que estamos trabalhando, a cura aqui não significa a eliminação do sintoma, mas sim uma gestão do sofrimento daqueles que se apresentam à psiquiatria e as suas atuais configurações, baseadas sobretudo nas contribuições da psicopatologia.

Mal-estar na civilização e lógica diagnóstica: como transformar em patologia o desamparo?

Exploraremos uma forma muito comum de organização da sociedade pós-moderna, procurando investigar como ela se manifesta nos sujeitos e se tal modo de organização social também poderia contribuir para um aumento significativo das taxas de depressão na atualidade. Trata-se do que o filósofo brasileiro Vladimir Safatle denominou de **lógica empresarial de si**. Procuraremos expor de uma maneira sintetizada como se dá este modo de organização, que nas palavras dele dizem respeito a forma predominante de funcionamento social na pós-modernidade.

Em seu livro **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**, o filósofo procura investigar quais os afetos compõe a organização político social da sociedade pós-moderna. Dessa obra, utilizaremos aqui a ideia trazida pelo autor do “ideal de si como empresa”. Tal conceito diz respeito a um novo modo de

organização das sociedades neoliberais, nas quais os sujeitos passam a utilizar uma linguagem empresarial até mesmo em seus relacionamentos interpessoais. Palavras como investimento, projetos de vida e metas, passam a fazer parte do cotidiano dos sujeitos que adotam identidades flexíveis (SAFATLE, 2016). Buscando explicar de uma maneira mais detalhada como se dá o mecanismo de funcionamento das identidades flexíveis e como tal modo de organização subjetiva influencia no corpo social, o autor afirma que:

Na verdade, perguntar-se sobre as mutações na corporeidade dos sujeitos seria uma forma de determinar o que são aquilo que poderíamos chamar de “identidades flexíveis”, ou seja, identidades que absorvem a dissolução mercantil das determinações de conteúdo (por isso são “flexíveis”), que flertam com a indeterminação mesmo sendo capazes de conservar a **determinação formal de predicação por propriedades** (por isso ainda são “identidades”). Identidades que se expressam em corpos não mais pensados como **lôcus** de determinações estáveis de conteúdo. Corpos em mutação e reconfiguração contínua, mas que determinam cada uma de suas figuras sob a forma geral da propriedade, do próprio, da extensão do domínio consciente da vontade. Nossos corpos perderam a qualidade narrativa, eles são habilitados pela violência dos fluxos contínuos codificados pela forma-mercadoria, mas eles ainda sabem contar. Para as sociedades neoliberais, isso basta (SAFATLE, 2016, p. 136, grifos do autor).

Com isso, podemos enxergar nessa passagem trazida pelo autor uma correlação muito direta com a ideia de liquidez trazida por Bauman (2007) que diz respeito ao fato das antigas instituições que antes norteavam a produção de subjetividade dos sujeitos estarem perdendo o lugar de centralidade, o que faz com que os sujeitos utilizem outras formas de produção de sentido. As identidades são cada vez mais permeadas pela ideia de flexibilidade e de adaptação a novas formas de capital, impõem-se nesse nível uma demanda cada vez maior pela produção e pela busca de acumulação de bens de consumo que logo são descartados para que novos bens ocupem seu lugar, típica das sociedades neoliberais contemporâneas. Isso faz com que os sujeitos passem a adaptar-se inclusive subjetivamente a esse modo de funcionamento social, o que faz com que não seja mais possível ingressar em nenhum tipo de relacionamento sem que antes sejam calculados as possíveis perdas e ganhos que o sujeito obterá com o mesmo (SAFATLE, 2016). A nosso ver, com este novo modo de organização do capitalismo, temos uma **mercantilização da subjetividade**.

Uma vez que os sujeitos encontram-se livres para poderem deliberar sobre o modo como conduzirão suas vidas, todo o tipo de sucesso e fracasso são contabilizados como sendo culpa única e exclusiva do sujeito. Isso faz com que não haja mais limites para a acumulação e conseqüentemente para o gozo dos sujeitos. Coloca-se a demanda de movimento constante para que os mesmos possam estar sempre acompanhando as mutações econômicas.

Com isso, Safatle (2016) aponta ainda que o modo de funcionamento neoliberal ultrapassa o plano meramente econômico, inscrevendo-se no plano dos relacionamentos interpessoais:

O neoliberalismo não é apenas um modo de regulação dos sistemas de trocas econômicas baseado na maximização da concorrência e do dito livre-comércio. Ele é um regime de gestão social e produção de formas de vida que traz uma corporeidade específica, uma corporeidade neoliberal (SAFATLE, 2016, p. 137).

Nessa lógica é que surge o que Safatle (2015) chama de ideal empresarial de si. Indivíduos autônomos, responsáveis por eleger novos modos de satisfação, absorvem cada vez mais o vocabulário empresarial em seu cotidiano, o que na perspectiva trazida por ele, produz um modo de organização social onde a definição de um limite de até onde o sujeito pode ir, ou seja, um limite para seu consumo, para seu gozo, torna-se para esse sujeito uma espécie de morte social. Isso se dá pelo fato de que ao definir um limite de até onde ir, o indivíduo perde uma série de outras oportunidades que lhe seriam oferecidas pelo mercado cada vez mais volátil de bens de consumo. Para ele isso traz consequências diretas no modo de produção de subjetividade pós-moderna:

Graças à internalização desse ideal, o risco de insegurança social produzido pela desregulamentação do trabalho foi suplantado pela promessa de plasticidade absoluta das formas de vida, ou seja, tal desregulamentação se traduziu em liberação das potencialidades de construir projetos conscientes de formas de vida, da mesma maneira que a intensificação do desempenho e das performances exigida pelo ritmo econômico neoliberal se transformou em um peculiar modo subjetivo de gozo. Assim, o medo do risco provocado pela insegurança social pode aparecer como “covardia moral” (SAFATLE, 2016, p. 139).

Kehl (2009) também procurou demonstrar que o modo como as sociedades organizam-se, independente do período histórico no qual situam-se, produz sujeitos que estão em “desacordo” com aquilo que as sociedades da qual fazem parte determinou como sendo o bem. Porém para ela, o novo modo de organização das sociedades pós-modernas contribui para que haja um aumento dos números de sujeitos que não estão encaixados nas formas de gozo que são impostas pelos discursos sociais vigentes. É nessa linha argumentativa que ela procura demonstrar como na pós-modernidade temos o aumento dos sujeitos que são classificados como deprimidos.

A nosso ver, a partir da visão trazida pelos dois autores, que o deprimido é aquele que não consegue estar inserido na lógica de si enquanto uma empresa, e que pelo fato de não aderir a essas formas discursivas sobre si, ele acaba por ser excluído das modalidades de satisfação vigentes. Mas isso não impede que a subjetividade depressiva não seja capturada pela lógica do capitalismo. Ao deprimido, este sujeito que causa um grande mal-estar na pós-modernidade foi reservado outro tipo de mercado: o

mercado de consumo exacerbado de diagnósticos, aliado ao mercado de consumo de medicamentos. Isso implica dizer que as formas pelas quais a racionalidade diagnóstica ocupa o terreno social, circunscrevendo a subjetividade dos sujeitos e classificando-as em patologias, faz com que o deprimido esteja alocado em um mercado de consumo muito mais voltado para a lógica da saúde como uma mercadoria, produzindo assim outras formas de consumo.

A medida que a racionalidade econômica vai penetrando cada vez mais na vida dos sujeitos, a organização subjetiva destes também passa a ser afetada por tal modo de funcionamento. Safatle (2016) procura demonstrar que o vocabulário administrativo está cada vez mais presente na vida dos sujeitos. A racionalidade do trabalho é transportada para os relacionamentos afetivos, o que faz com que haja uma naturalização de palavras como “investimento afetivo”, como sendo sinônimo de dedicação ao relacionamento. Para o autor, a ideologia do capitalismo assume o seu mais alto grau de desenvolvimento, quando as palavras que escolhemos para descrever nossas ações passam a ser vistas como descrições neutras, que sempre estiveram presentes em nossa linguagem não sendo, portanto datadas historicamente e produtos de uma ideologia dominante. Isso traz impactos diretos para a forma de organização das sociedades, para ele:

Essa racionalidade própria a uma sociedade organizada a partir da circulação do que não tem outra função a não ser se autovalorizar, que determina as ações dos sujeitos a partir da produção do valor, precisa socializar o desejo levando-o a ser causado pela **pura medida da intensificação**, pelo puro empuxo à ampliação que estabelece objetos de desejo em um circuito incessante e superlativo chamado por Lacan de mais-gozar (SAFATLE, 2016, p. 142, grifo do autor).

De acordo com Safatle (2016) esse outro modo de organização das sociedades neoliberais só foi possível graças a dissolução da estabilidade de antigas instituições que antes poderiam garantir modos de produção de subjetividade relativamente estáveis. Isso não significa dizer que em épocas anteriores não existiam conflitos advindos do modo de organização social, o que se constituiria uma inverdade. Trata-se de apontar como as mutações sociais influenciam a forma pela qual as subjetividades organizam-se, tanto em relação a si, quanto em relação aos outros que fazem parte desse corpo social.

Por conseguinte, flexibilização e replanejamento constante são os novos elementos fundamentais que fazem parte da subjetividade pós-moderna, voltada para os cálculos de risco, gestão de si e procura de formas de satisfação pouco fixas. Tudo isto faz com que os sujeitos pós-modernos neguem normas sociais pré-estabelecidas, pois elas limitariam o gozo dos mesmos e, portanto, prejudicariam o modo de funcionamento de organização social baseado na concorrência e mutação constante do objeto de satisfação dos sujeitos. Este modo de funcionamento social parece ter captado algo de fundamental que faz parte da pulsão dos sujeitos: a indeterminação de um objeto

único e pleno que traria satisfação sem limites (SAFATLE, 2016):

Por fim é importante salientar que um ideal empresarial de si baseado na dinâmica de maximização de performances exige a flexibilização contínua de normas tendo em vista o crescimento de quem vence relações de concorrência. O sujeito neoliberal é muito mais um agente calculador de custos e benefícios do que um sujeito de quem se espera a conformação às normas sociais. Ele não segue normas positivas, mas calcula resultados e, por isso, flexibiliza normas continuamente. (...) Esse é um ponto importante, pois **é necessário que os sujeitos aprendam a desejar a flexibilização, não apenas devido às promessas de realização e de ganho presentes no capitalismo, mas também devido à tentativa de transformação da flexibilidade em expressão natural da dinâmica pulsional dos sujeitos, à variabilidade estrutural de seus objetos.** Se o neoliberalismo pode contar com o consentimento moral ao risco ligado à precarização resultante de processos de flexibilização próprios a modos intermitentes de trabalho baseados em “projetos”, deslocalizações contínuas e reengenharias infinitas, é porque tal flexibilização parece traduzir a pulsão em seu ponto mais insubmisso. Todo consentimento moral fundamenta-se em um consentimento pulsional mais profundo. Assim fica mais fácil marcar toda recusa a ela como covardia moral e infantilismo (SAFATLE, 2016, p.143-144, grifo nosso).

E como esse modo de organização social pode influenciar o aumento das depressões? Quais seriam os sinais que os sujeitos depressivos dariam para que possam ser considerados um grupo que constitui um sintoma social de sua época? E quais os destinos desses sujeitos que não estão dentro dessa lógica?

Por fim, gostaríamos de trazer uma reflexão realizada por Safatle (2015) no programa Café Filosófico¹. Nesse programa, o filósofo foi questionado sobre os possíveis efeitos desse modo de organização da subjetividade contemporânea na vida dos sujeitos. Para ele, a organização social pós-moderna favorece que tornem-se evidentes sintomas que denunciam que o modo de produção de subjetividade contemporânea é incapaz de ocultar o mal-estar do sujeito em relação ao seu sofrimento.

O modo de funcionamento de si enquanto empresa impõe aos indivíduos o movimento constante, a busca por formas de satisfação que não levam em conta que a insatisfação também estará presente em tal busca. Nesse contexto, temos uma inflação dos diagnósticos de depressão. O filósofo aponta que a Organização Mundial de Saúde mencionam pesquisas que apontam que cerca de 10% da população mundial

¹ O programa Café Filosófico é uma série de conferências organizadas pelo Instituto CPFL Cultura que tem como objetivo, a partir das ciências humanas, filosofia, sociologia e ciências naturais, traçar reflexões sobre a contemporaneidade e as formas de subjetivação que ela produz. A referida conferência foi intitulada de “A lógica do condomínio” e faz parte do módulo **Mal-estar, sofrimento, sintoma**, que teve como curador o psicanalista Christian Dunker.

padeceria desse transtorno. A depressão deixou de ser uma das formas de expressão da neurose, para constituir-se enquanto uma categoria diagnóstica (SAFATLE, 2015). Tudo isso na perspectiva trazida por ele, é tributário do modo de organização social vigente na pós-modernidade, sendo potencializado pelo ideal empresarial de si. Ele afirma:

Então, dentro dessa nova configuração, onde os elementos se modificam, é muito interessante uma patologia como a depressão. [...] Entramos em um tipo de modelo onde o conflito não se dá mais entre o permitido e o proibido, entre o possível e o impossível, é diferente, o possível e o impossível seria entre “até onde você consegue chegar? Até onde você vai, mas você só chegou até aqui? Mas por que? Você não tem mais nenhuma limitação possível, você pode até onde você quiser”. Então, se você fracassou, é culpa única e exclusiva sua, a única culpa é do indivíduo, que recebe toda essa culpa nas suas costas (SAFATLE, 2015, s/pág).

Assim, teríamos uma inflação dos diagnósticos de depressão, pois os sujeitos não seriam capazes de adaptarem-se as normas que lhes são impostas pelo tipo de organização de si enquanto empresa. Deste modo, buscando adaptarem-se a tais demandas, os sujeitos fariam um uso exacerbado de medicamentos ou de outras ferramentas que lhes permitam adaptar-se de maneira mais rápida as exigências que lhes são impostas.

Considerações finais

Gostaríamos de finalizar com uma breve reflexão sobre esse ideal empresarial de si e o aumento da influência social da psiquiatria biológica como sendo uma forma de saber predominante sobre as depressões. A analogia trazida por Safatle (2016) – de pensar as relações que os sujeitos mantêm na pós-modernidade a partir de uma racionalidade empresarial – abre a perspectiva para se pensar a mercantilização da subjetividade pós-moderna. De um modo geral, quando as empresas possuem dificuldades para gerenciar seus processos, tendo por consequência muitas perdas, são contratados consultores para que eles possam avaliar tais processos e proporem novas soluções.

Assim, a nosso ver, a medicalização do sofrimento psíquico pode ser vista de uma maneira aproximada. Os sujeitos, aqui vistos como empresas, possuem dificuldades de adaptarem-se as normas de flexibilização e busca incessante pela felicidade, produzindo com isso formas de sofrimento características desse modelo de funcionamento social. Nessa perspectiva a psiquiatria biológica é alocada no lugar de consultora sobre o sofrimento desses sujeitos, e por isso deve fornecer respostas rápidas e cada vez mais “eficazes” para solucionar esse problema de funcionamento social. Isso também pode explicar porque nessa vertente a clínica é relegada ao segundo plano, pois a demanda é por medicamentos que devolvam ao deprimido o seu funcionamento dito normal, o que implica a aceitação de normas de produtividade e flexibilidade exigidas pelo capitalismo atual.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BIRMAN, Joel. **Mal-Estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 1^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. 1^a ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2^a ed. revisada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SAFATLE, Vladimir. A lógica do condomínio. Palestra no Café Filosófico. São Paulo, 2015. 1h:44min 22s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G9s-JUy0Js&t=5534s>. Acesso em: 12/11/2017.

Abstract: In this article, based on a bibliographical review, we discuss some discursive practices about depression as a social symptom of postmodernity. We consider that the discussions about this pathology are inserted in the logic of neoliberal capitalism that advocates the constant evaluation of the subjects by their productive capacity. Our results point out that the current diagnostic logic segregates the depressed, and causes it to enter into another consumer market, namely, that of drugs, which would have the objective of appeasing the malaise experienced by the subject. On the other hand, the way of functioning of oneself as company, characteristic of the present society, imposes to the normative subjects of enjoyment that end up inflating the diagnoses of depression. We conclude that the articulation between the pharmaceutical industry and the current diagnostic logic makes the subjects' affections go through a broad process of medicalization, with the objective of reinserting them into the consumer society.

Keywords: Depression; Desire; Capitalist speech; Postmodernity.